

CFESS Manifesta

Dia Internacional da Mulher

Brasília, 8 de março de 2014
Gestão Tempo de Luta e Resistência

CFESS
CONSELHO FEDERAL
DE SERVIÇO SOCIAL
www.cfess.org.br

PELOS
DIREITOS
HUMANOS
DAS
MULHERES
NO
ÂMBITO
PÚBLICO E
PRIVADO

É importante constatar, na história humana, que a democracia e a cidadania não são processos simultâneos. As conquistas de direitos e de espaços democráticos são estratégias fundamentais, mas não eliminam automaticamente as relações e os espaços de opressão (objetivos, subjetivos e simbólicos) presentes no sistema de dominação capitalista patriarcal.

Reiteramos sempre que o movimento feminista, nas últimas seis décadas, provocou mais avanços nos direitos das mulheres e modificou qualitativamente as relações sociais de gênero do que nos milênios anteriores de 'humanidade'. Mas a ideologia machista resiste, persiste e se reinventa com a crescente onda fundamentalista e conservadora, alimentando, em suas relações sociais, a violência de gênero contra as mulheres.

Dessa forma, a vida cotidiana torna-se um enorme desafio e um processo de luta para que a mulher possa ser reconhecida como um sujeito consciente, livre e responsável sobre sua vida e seu corpo.

A base de dados do Sistema de Notificação de Agravos do Ministério da Saúde (Sinan) registrou, no ano de 2011, que foram atendidas 70.270 mulheres vítimas de violência física no Brasil e que 71,8% das agressões ocorreram no domicílio da própria vítima, e ainda, que, na faixa etária de 30 a 39 anos, essas agressões, em 70,6%, foram perpetradas por seus parceiros "amorosos" ou ex.

O relatório da Organização das Nações Unidas (ONU) de 2014 alerta que ignorar a desigualdade de gênero ameaça o desenvolvimento mundial. Aponta que uma a cada três mulheres no mundo, já vivenciou algum tipo de abuso físico



ou sexual. Que uma a cada três meninas nos países mais pobres se casa antes dos 18 anos e que mais de 200 milhões de mulheres, nestes países, desejam, porém não conseguem acessar métodos contraceptivos.

Qualquer relatório nacional ou internacional sobre violência e desigualdade social vai apontar a barbárie social vivenciada pelas mulheres (de forma mais avassaladora nos países considerados mais fundamentalistas e/ou em desenvolvimento).

Nesse sentido, para além de continuarmos lutando pela ampliação e pela consolidação de direitos, precisamos investir na transformação de valores, por uma outra cultura, que promova, na vida das mulheres, a possibilidade de escolhas livres, sem culpa e moralismo.

Não é suficiente denunciarmos a desigualdade ou ficarmos satisfeitos/as com conquistas somente formais de direitos; é necessário exigirmos investimento público, orçamento, qualificação e recursos humanos para as políticas destinadas às mulheres.

Não é suficiente sermos contra as imagens estereotipadas machistas em relação às mulheres, se não formos capazes de nos recusar coletivamente a assistir e a fazer campanhas contra as mídias, programas musicais ou textos, relações, instituições que nos transformam em mercadorias ou em objeto coisificado de desejo.

Não é suficiente, embora de avanço incomensurável, termos construído o nosso projeto ético-político profissional sem alimentá-lo, materializá-lo cotidianamente. Nesse sentido, é preciso assumir radicalmente, como assistentes sociais (independentemente se mulheres, homens ou àquelas/aquelas com identidade trans), neste 8 de março, assim como em todos os dias do ano, a defesa intransigente dos direitos humanos na vida das mulheres no âmbito público e privado e, com isso, adensarmos o movimento social feminista, que luta na perspectiva de construção de uma sociedade anticapitalista, não patriarcal, não racista, não lesbofóbica/homofóbica/transfóbica, e que respeite a diversidade humana. (Fonte: Mapa da Violência 2013).

DECIFRA-ME

(Por Andréa Lima)

*Não sei quantos mistérios possuo,
quantos sentidos me invadem,
quantos desejos invento, quantos amores revelo.
Por isso sou assim: reticências, penumbras, esfinges,
dúvidas, certezas, corações, delírios, fantasia.
Sou a máscara do drama que enfrenta
a comédia sem graça das piadas machistas,
do preconceito visível que derrama sobre nós a
lama da insensatez,
do que é desumano, vil.
Sou todas as faces marcadas pela agonia do
não-direito,
da repressão, opressão, de um tempo marcado
pelo autoritarismo,
pela violência de gênero, pela barbárie.
Sou o rosto enrugado que não é respeitado.*

*E surge em mim o desengano, o amargo da vida,
o pessimismo, a subalternidade, a lástima,
a palidez de uma estrela não iluminada,
uma chama que já não queima.
Tenho medo e me vejo num esquivo usual dos
perigos que me envolve,
que me atormenta, que me persegue
secularmente.
E nos mares da complexidade que a cada
instante emerso,
lembro-me das entranhas onde constroem vidas,
do fogo-fátuo que habita minhas florestas
e sinto a força que me alicerça.*

*Lanço mão dos guardados dentro de mim,
dos frascos de coragem, audácia,
combatividade e
malabarismos para enfrentar o dia-a-dia,
a labuta, os preconceitos e uma sociedade sexista.
Eu sou essa dialética feminina que me revolve
por dentro e por fora,
que se faz presente na marcha pela história.*

*Eu sou as contradições, o sexto sentindo que
funciona,
o olho que vê mais adiante da janela,
a avidez da aurora,
as cores múltiplas e ousadas do arco-íris,
eu sou a esperança verdejante e primaveril.*

*Sou, também, o próprio escárnio, o beijo adocicado
ou aquele cheio de pecado cheirando a inferno.
Sou o canto das DIVAS,
o som dos soluços que ecoam dos rios de lágrimas
que se formam meio à aridez do deserto,
sou o som dos tambores afros,
da poesia agridoce e moderna de Hilda,
da pintura brasileiríssima de Tarsila,
sou o som das mulheres de Tejucupapo,
o som ignominioso e horrendo das mulheres
violentadas,
machucadas, despedaçadas, mortas.*

*Mas há em mim o que nunca se sacia: o refazer..
De ser lirismo face a escuridão,
de ser a liberdade mediante a proibição,
de ser o grito quando se exige o silêncio,
de ser a flor quando os canhões já anunciam
em quase toda parte do mundo o estado de terror.
Eu sou essa mística que se fabrica no altar da luta,
pelas pétalas de tantas Rosas Luxemburgos,
de tantas Florbelas,
de tantas Antônias, anônimas e Quitérias.*

*Sou essa poesia construída tacitamente,
feita de revolta, amor, de dores,
feridas saradas e cicatrizes ainda abertas.
Poesia cheia de sentimentos,
de desabafos poéticos com seus vãos diários
que alcançam sempre o imaginário,
sem ter a pretensão de decifrar
a magnitude e a sensibilidade de ser Mulher.*

Gestão Tempo de Luta e Resistência (2011-2014)



SCS Quadra 2, Bloco C,
Edf. Serra Dourada,
Salas 312-318
CEP: 70300-902
Brasília - DF
Fone: (61) 3223.1652
Fax: (61) 3223.2420
cfess@cfess.org.br

PRESIDENTE

Sâmia Rodrigues Ramos (RN)

VICE-PRESIDENTE

Marinete Cordeiro Moreira (RJ)

1ª SECRETÁRIA

Raimunda Nonata Carlos Ferreira (DF)

2ª SECRETÁRIA

Erivã Garcia Velasco - Tuca (MT)

1ª TESOUREIRA

Maria Elisa Dos Santos Braga (SP)

2ª TESOUREIRA

Alcinéia Moreira De Sousa (AC)

CONSELHO FISCAL

Kátia Regina Madeira (SC)

Marylúcia Mesquita (CE)

Rosa Lúcia Prêdes Trindade (AL)

SUPLENTE

Marcelo Sitovsky Santos Pereira (PB)

CFESS MANIFESTA

Dia Internacional da Mulher

Conteúdo (aprovado pela diretoria):

Maria Elisa dos Santos Braga

Assessoria de comunicação:

Diogo Adjuto - JP/DF 7823

Rafael Werkema - JP/MG 11732

Revisão: Diogo Adjuto

Arte/diagramação: Rafael Werkema